

Ciladas

Mauro Santayana

Os deuses, disse o poeta, no mais citado de seus versos, vendem quando dão. Nem sempre, porém, as glórias são compradas com desgraças, e talvez nunca sejam felizes só os que passam.

Sombria e na margem transcorreu a vida do horoscopista, que buscava, além, no tempo passado, as glórias para a sua pátria de pescadores, aquela que fora em dois séculos a terra dos grandes aventureiros.

Por ser assim sombria, devia ser múltipla, e foi múltipla, a vida de Pessoa. Os seus heterônimos percorrem a rosa dos ventos, como os navegadores antigos à procura de empurrão para as suas velas, enquanto ele próprio parece sem tombadilho e sem timão. Os seus mais famosos versos são os registros dessa perplexidade — mas retomam um sentimento velho e sempre novo, o de que o êxito, conforme o êxito, pode ser uma cilada.

Adquirimos dos norte-americanos a concepção moderna do êxito, mas deles não assimilamos a idéia de comunidade. Dispense-nos de tratar de algumas teorias, como as que associam o êxito dos Estados Unidos à moral protestante do trabalho: seus postulados são muito repetidos para que elas possam ser aceitas ou rejeitadas. É preferível rastrear a construção política da sociedade democrática moderna a partir de um tempo em que nem mesmo protestantismo havia.

Essa construção parte de uma descoberta da inteligência, a de que a segurança de qualquer um é inseparável da segurança de todos: sendo iguais no nascimento e na morte, os homens devem buscar a igualdade no intervalo único que se chama vida. Essa igualdade, no entanto, não exclui a liberdade de cada um de nós, e de todos juntos. Sem essa liberdade de ser e de fazer, o homem se reduziria ao destino dos insetos sociais, divididos em classes especializadas com seus deveres e prerrogativas: operárias, rainhas, zangões e soldados.

É legítimo ao homem crescer em bens e em poder (os bens e o poder, como se sabe, quase sempre se reúnem ao mesmo tempo), mas é inegável que poder e bens não descem do sol em seus raios. Eles são conquistados de um fundo comum, constituído de História e Natureza, com seus recursos materiais e suas idéias. Utópicas seriam as sociedades em que todos soubessem tudo e tudo tivessem. Incluído o poder, rigorosamente utópicas, rigorosamente sem lugar.

Uns sabem mais, têm mais, podem mais. Como usar o saber, os bens e o poder? Reunidos, ou separadamente, eles são o sinal do êxito. E o êxito é a mais perseguida forma de identidade. **Eu sou porque posso**, poderia ter dito Deus a Moisés, no Sinai. Mas disse, com mais precisão, ao dizer que **sou o que sou**. Cada um de nós, dentro dessa concepção das coisas, é o seu próprio êxito, como pode ser o seu próprio malogro.

A sociedade democrática, tal como a entendemos, aspira à igualdade como um fim. Ela parte do princípio de que os homens, naturalmente iguais, devem construir uma sociedade justa para todos. Por isso é dever do Estado democrático garantir a todos o acesso, pela via do desempenho pessoal, ao saber, aos bens e ao poder. O primeiro dos deveres do Estado democrático é o de assegurar o acesso ao conhecimento. Não se pode denominar democrático o Estado que não assegure a universalidade do ensino básico. O segundo desses deveres é o de assegurar a todos o trabalho, que dá acesso aos bens indispensáveis à vida e à dignidade da vida. O terceiro é o de assegurar o poder político a todos os que sabem e que trabalham.

Nenhuma das sociedades conhecidas é perfeita, nessa realização do destino ocidental, e provavelmente nenhuma chegará a sê-lo. Mas elas são democráticas na medida em que se constroem como tal, na medida em que se esforçam na realização do ideal talvez inatingível. Por isso, e nisso se distinguem as organizações políticas em seu grau de legitimidade, o Estado é obrigado a arbitrar os conflitos entre os cidadãos. Seu dever maior é para com aqueles menos desprovidos de saber, de bens e de poder. Sua força coercitiva terá de ser empregada contra os que usam da força ilegítima do poder para reunir mais bens e mais poder.

Não há pessoa provida do mínimo de inteligência honrada (porque há inteligência desonrada) que não veja no sistema financeiro nacional um instrumento ilegítimo de poder. Sócios privilegiados da inflação, os banqueiros, de um modo geral, nada têm feito para combatê-la, e tudo fazem para mantê-la, embora haja alguns mais lúcidos que, como os santos do provérbio, desconfiam dos lucros excessivos. A intermediação financeira participa do PIB mais do que a agricultura. Como é possível que uma atividade estéril, como a de recolher o dinheiro do povo e o emprestar ao Estado (a isso se reduziram os bancos em nossos dias, e por isso é de seu interesse objetivo que o Estado seja sempre devedor), pode ser muito mais remunerada do que a dos que arrancam da terra, nela empregando todos os seus cabedais, inteligência e trabalho, os recursos fundamentais da vida?

Os banqueiros e seus associados (ou assalariados) estão caindo na cilada do êxito. Ao manobrar os meios de comunicação de massa e ao inviabilizar, mediante a cooptação dos parlamentares e formadores de opinião, os esforços do governo em promover a justiça e a verdadeira democracia, eles estão comprando dos deuses, como dizia o poeta, a glória com a desgraça. Por enquanto, essa desgraça é só dos pobres, que lhes pagam, dia a dia, o tributo da inflação. Por enquanto.